

ATRIBUIÇÕES DOS ALUNOS AOS FATORES QUE LEVAM ELES A GOSTAREM OU NÃO DE UMA DISCIPLINA ESCOLAR

Tieli Freitas Ebling
Sandrini Cavalheiro
Ana Cristina Garcia Dias
Viviane Ache Cancian

RESUMO

O presente trabalho consiste no estudo piloto do instrumento de pesquisa. Serão abordadas apenas duas questões desse instrumento que se referem às causas do sucesso e fracasso escolar. Os dados aqui apresentados são referentes às análises preliminares do estudo. Até o momento foram analisados os protocolos de pesquisa de 106 adolescentes de ambos os sexos com idades entre 14 e 18 anos que freqüentavam o Ensino Médio de uma escola particular do Município de Santa Maria. Constatamos que os dados levantados estão condizentes com a literatura acerca da atribuição da causalidade que constata que fatores relacionados ao sucesso escolar estão mais vinculados à esfera pessoal, enquanto fatores relacionados ao fracasso nem sempre tendem a ser visto como pertencentes a essa esfera.

INTRODUÇÃO

Estudos feitos em sala de aula no decorrer do semestre têm apontado a importância de estudarmos os motivos pelos quais levam um adolescente do Ensino médio a gostar mais de uma determinada matéria do que de outra matéria estudada na escola, e em uma possível correlação entender o sucesso ou fracasso escolar do mesmo.

Para Perrenoud (2001) o fracasso escolar é uma idéia moderna que data de meados do século XX. Fracasso escolar sempre houve, mas foram mascarados pelos abandonos ou ausência total de escolarização. A classe social na qual o aluno pertencia também era um fator que influenciava para seu sucesso ou fracasso. O mesmo autor crê que a cultura escolar é muito elitista, muito distanciada da língua dos saberes culturais, especialmente das classes populares.

Diversos estudos na área mostram que estudantes brasileiros desta faixa etária de idade do ensino médio têm sido unânimes em mostrar que esses estudantes, independente de seu nível de escolaridade, tendem a atribuir seu sucesso nos estudos principalmente a fatores internos (entre as quais se destaca o esforço). Já o fracasso, se explica por causa de fatores internos (entre as quais se destaca a falta de esforço) e externos (mais notadamente com dificuldade de tarefa). Tais resultados mostram que o estudante brasileiro tende a se responsabilizar tanto por seu sucesso como por seu fracasso. Na medida em que a responsabilidade por ir bem é motivo de orgulho, mas na mesma proporção a responsabilidade por ir mal é motivo pelo quais as pessoas se envergonham. Ou seja, a pessoa passa a sentir tal responsabilidade como um fator motivacional, isto é, seria uma estratégia que as pessoas adotariam pra engrandecer o prazer associado ao sucesso e diminuir a insatisfação relacionada ao fracasso (FERREIRA, ASSMAR, OMAR, DELGADO, GONZÁLEZ, SILVA, SOUZA E CISNE 2002).

Patto (1996) diz que a principal causa do fracasso escolar é a má qualidade do ensino. Seria necessário adaptar a atividade educativa as necessidades e possibilidades do aluno, contudo isso nem sempre é realizado. A melhor maneira de alcançar o sucesso escolar seria através de um ensino de boa qualidade, no qual o professor fosse bem formado, dominando o conteúdo a ser trabalhado e motivado a dar suas aulas.

Porém, este modo de pensar a educação e sua eficácia é marcado por uma dualidade: por um lado, afirma-se a inadequação das escolas brasileiras e a inviabilidade, na maioria dos casos, de motivar os estudantes, já que nem os professores se sentem mais motivados devido a baixa valorização de sua profissão e a constante defasagem no salário que é quase que mínimo; de outro, cobra-se do estudante interesse por uma escola já rotulada e qualificada como desinteressante, e assim se atribui à inferioridade cultural do grupo social de onde provem a maioria de nossos estudantes brasileiros.

Ferreira, Assmar, Omar, Delgado, González, Silva, Souza e Cisne (2002) observam que visões simplistas e apresadas como vimos anteriormente, costumam atribuir ao fracasso escolar ao professor ou aluno, sem considerar os fatores contextuais. Contudo, de maneira geral, o fracasso é atribuído ao que “não gosta de estudar” e “não consegue aprender”. Explicações desse tipo tendem a considerar a importância de incluir o aluno no processo de ensino e aprendizagem. Dificilmente se investiga os porquês do gostar ou não gostar de estudar determinada matéria, ou até mesmo de ir à

escola. Neste sentido, torna-se relevante para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem, especialmente nas situações de fracasso, a partir das explicações oferecidas pelos próprios estudantes, o que eles atribuem como causas de suas próprias condutas e ações.

Tapia e Montero (2003) indicam que professores do ensino médio notam a carência de interesse e motivação de seus alunos em aprender. Junto com isto percebe que os estudantes querem abandonar a escola o quanto antes. Sem mencionar, o pouco esforço que fazem para aprender, estudando de forma mecânica, sem entender o significado e o alcance do que ouvem e pensando somente na aprovação. Assim, essa falta de interesse se traduz, às vezes, em comportamento que interferem no rendimento de seus colegas.

Entretanto, devemos questionar o que os motiva a gostarem mais de uma matéria do que de outra. E que, não necessariamente a disciplina tida como a preferida, não é aquela onde o aluno alcança o êxito em suas notas. O fato é que a falta de motivação e de interesse seja um fenômeno bastante comum nas escolas, como Tapia e Montero (2003) apontam, pois a proposta curricular do ensino médio foi elaborada para abranger diferentes graus de capacidade, mas que de alguma forma precisam desenvolver uma série de competências básicas para o seu desenvolvimento pessoal e sua inserção social e no mercado de trabalho.

A mesma autora relata que quando o aluno descobre o lado bom de cada matéria ele irá desfrutar disso aprendendo. A razão pela qual este se motiva mais com uma matéria do que com outra passa a ser intrínseco, ou seja, *“o que o emociona e que o faz ter prazer é a experiência de aprender e descobrir, enfrentando os desafios que podem conduzi-lo a tais resultados”* (p.107).

Comprovadamente, os estudantes que mais rendem são os que têm esse tipo de motivação. Todavia, freqüentemente, isto não é o que acontece em nossas escolas. Nota-se que além de aprender, o estudante quer aprender algo que considere útil para sua vida posterior ao colégio, algo que o ajude em sua vida profissional ou mesmo em seu cotidiano. Tapia e Montero a respeito deste assunto indicam a importância da integração da matéria estudada em sala de aula com a vida do estudante, pois muitas vezes alunos não percebem a utilidade intrínseca do que lhes é passado, e assim perdem o interesse e a motivação por aprender se sentido na obrigação de estudar determinadas matérias. O

ideal seria motivar esses alunos, ajudando eles a perceberem a finalidade e a relevância do que lhes é passado.

Porém, nem todos os alunos estão preocupados em alcançar o conhecimento que esta embutida na matéria e apenas reproduzem motivados pela nota. Tapia e Montero (2003) mostram que esta nota, garante à muitos estudantes a segurança da aprovação, sendo isso uma espécie de requisito básico, para se desfrutar do aprendizado. No entanto, vale lembrar que o fato destes alunos serem aprovados não quer dizer que eles tenham compreendido e entendido realmente o conteúdo.

Manter o aluno concentrado por um determinado período de tempo em um conteúdo pode não ser tão fácil quanto parece. Constatase que quando o professor dá a tarefa para a turma, no decorrer da explicação do que esta sendo pedido, estes vão se distraíndo ao se depararem com as dificuldades e assim abandonam a tarefa. Então, o que fazer para manter a motivação inicial de quando foi dada a tarefa? Essa atenção e motivação do aluno são despertadas pela curiosidade e mais ainda, pela percepção da sua relevância. Se a tarefa se torna chata e cansativa e os alunos não enxergam nela nenhuma utilidade, rapidamente eles arranjam uma forma de rejeitá-la (TAPIA & MONTERO, 2003).

A relação professor-aluno, fora e dentro as sala de aula é um fator motivacional, que influencia, quase que diretamente no gostar ou não gostar de alguma matéria. Sua interação é tida como de primeira ordem para (TAPIA & MONTERO, 2003), os aspectos do comportamento do professor ao se relacionar com os alunos pode afetar a motivação destes para aprender. Isso ocorre porque os alunos têm a necessidade de sentir-se aceitos como são para encarar com gosto o trabalho escolar.

E quando chegar à hora de avaliar este estudante, muitos professores propõem trabalhos e questionam seus alunos, mas o mais comum de se encontrar é a avaliação com provas e testes. Em situações assim a maioria dos alunos estudam muito se preocupando, sobretudo, com sua aprovação, o que pode ocorrer mesmo que o aluno não tenha entendido nada, conforme dito mais anteriormente.

Em sua maioria, as avaliações implicam em realizar um conjunto de tarefas usando diferentes capacidades e conhecimentos. Ser capaz de realizar tais tarefas não significa que o aluno tenha compreendido a matéria e nem determina que esta seja sua

preferida por ele ter se saído bem. Toda avaliação requer um razoável grau de memorização e conceitos, procedimentos e regras de acentuação (TAPIA & MONTERO, 2003).

Os estudantes, de acordo com (TAPIA & MONTERO, 2003), sem compreender o porquê devem cumprir tais avaliações acabam fazendo essas por obrigação, sem nem um pouco de motivação. Enfim, a avaliação deve culminar em dois pontos, ou sucesso ou fracasso escolar. Este último pode ocorrer por o aluno não alcançar a nota desejada o que pode finalizar numa reprovação. Tanto num caso quanto no outro os dois vão ter repercussões negativas para a auto-estima do estudante.

MÉTODO

Participantes: Participaram deste estudo 106 adolescentes de ambos os sexos, com a idade média (14 a 18 anos), estudantes de uma escola particular de ensino médio do município de Santa Maria.

Instrumentos e Procedimentos: Foi aplicado um questionário coletivamente em sala de aula com perguntas abertas e fechadas que buscou explorar as percepções e opiniões dos adolescentes a respeito dos fatores relacionados ao sucesso e fracasso escolar, mais especificamente o que os jovens consideram que influência seu desempenho escolar, ou seja, “o fazem ir bem ou mal na escola”. Inicialmente, foi realizado um contato com a instituição escolar explicando os objetivos e procedimentos do estudo e solicitando a permissão para o desenvolvimento da pesquisa na escola. Em segundo momento, durante o período em que a escola liberou para realização do estudo, explicou-se novamente para os jovens, em sala de aula, os objetivos e procedimentos da pesquisa, solicitando a colaboração dos mesmos para nosso estudo. Nenhum jovem recusou-se a preencher o questionário anônimo, que investigava suas opiniões acerca das disciplinas escolares e os fatores que influenciavam seu desempenho.

Análise dos Dados: Este estudo se ocupará de analisar as respostas de quatro questões abertas, a saber: 1) “Qual a matéria que **você mais gosta** na escola? 2) Porque **você gosta** dela? 3) Qual a matéria que **você não gosta** na escola? 4) Porque você **não gosta** dela? Para analisar as respostas abertas a estas questões utilizou-se uma análise de conteúdo conforme a proposta de Bardin. As entrevistas transcritas foram analisadas através do método de análise de conteúdo (LAVILLE; DIONNE, 1999). Estes autores

definem a análise de conteúdo como o momento em que os questionários são avaliadas no sentido de buscar o significado, o conteúdo das respostas. O método se propõe analisar as falas através do desmembramento de sua estrutura, em termos de conteúdos. Nesse sentido, foi realizada uma análise categorial, em que o discurso dos entrevistados foi subdividido em categorias que agrupam temas semelhantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina que os alunos referiram mais gostar foi história, enquanto a disciplina que obteve maior frequência na questão “qual a matéria que você não gosta” foi Matemática. A partir da análise dos dados referentes às questões que solicitavam a justificativa para “o gostar ou não” das disciplinas escolares agregaram-se as respostas dos estudantes em diferentes categorias, de acordo com o conteúdo das respostas. A seguir são descritas as categorias, com as respectivas frequências para cada uma das questões: para a pergunta “o que faz você gostar da matéria” obtiveram-se as categorias: 1) o interesse e a importância da matéria na opinião dos jovens (18,6%), 2) as características da matéria (19,5%), 3) ter facilidade em relação da matéria (21,1%); 4) as características da professora e sua didática (16,1%); 5) as características pessoais (15,25%); 6) outras respostas (9,3%). Já para questão “o que faz você não gostar da matéria” foram citadas: 1) a falta de interesse e importância da matéria na opinião dos alunos (11,2%); 2) as características da matéria (27,5%); 3) ter dificuldade em relação à matéria (22,3%); 4); as características da professora e sua didática (19%); 5) características pessoais (10,3%); e 6) outras respostas (8,6%).

Abaixo analisaremos conjuntamente as duas questões o que faz gostar e não gosta de uma matéria, esclarecendo e confrontando as respostas oferecidas pelos jovens a essas perguntas.

Alguns exemplos de respostas que compuseram a categoria: **O interesse e a importância da matéria na opinião dos jovens** são, “*Sempre me interessei por história e tiro boas notas*”; “*Porque ela parece ser mais real, é mais interessante, curioso e tu vê no dia-a-dia*”. Essas são afirmações feitas acerca da questão “gostar da matéria”. Contrapondo tal questão trazemos exemplos que permeiam o fato de “não gostar da matéria”: “*Porque é complicada demais e desnecessária*”; “*Pois acho muito chato o assunto que ela trata*”. Nessas afirmações podemos constatar as atribuições que jovens fazem ao seu sucesso e também ao seu fracasso, relacionando estes ao seu interesse e também a importância da matéria estudada em sala de aula.

Já os exemplos para a categoria: **As características da matéria** são, *“É bastante atraente, são assuntos diferentes”*; *“É uma matéria precisa, exata, não precisa ler muito é só saber fórmulas”*. Esses são exemplos que citam características positivas da matéria, citados não questionam “gostar da matéria”. Agora exemplificaremos a questão “não gostar da matéria” através destas falas: *“Porque exige muito raciocínio”*; *“Porque tem que se expressar, tem muita interpretação de texto”*. Aqui podemos verificar que muitos alunos atribuem o seu sucesso e também o seu fracasso a características da matéria que esses relatam ter mais facilidade ou dificuldade. Os alunos afirmam que essas características, tanto positivas quanto negativas, influenciam no seu desempenho escolar.

Outro exemplo de categoria é: **ter facilidade e dificuldade em relação à matéria**. Temos aqui exemplos de **facilidade em relação à matéria**: *“Por que é fácil e eu me dou bem com ciências exatas”*; *“Por que é uma matéria que se entende fácil e eu não tenho muito dificuldade”*. E aqui, exemplos de **dificuldade em relação à matéria**: *“Porque é muito complicada e, pois vim de uma base fraca da escola”*; *“Porque acho difícil”*. Podemos notar que o fator facilidade e dificuldade em relação à matéria é o citado com maior frequência nos questionários, o que faz com que os jovens atribuam seu sucesso e seu fracasso às suas características cognitivas.

Exemplificaremos aqui a categoria: **as características da professora e sua didática**, *“Porque a professora é a mais legal. Ela se destaca, traz muitas coisas novas e exemplos. Explica muito bem eu sempre gostei da matéria”*; *“Por que o professor é bom e é a única matéria que eu consigo entender”*. Esses são exemplos que falam que o professor e sua didática influenciam positivamente no desempenho escolar de seus alunos. Porém, agora veremos exemplos que falam justamente o contrário, que o professor e sua didática influenciam negativamente no desempenho de seus alunos: *“Porque a professora é horrível e não sabe explicar a matéria. Não vou com a cara da professora”*; *“Porque a professora torna a aula cansativa e chata, grita demais, e não explica muita coisa”*. Nessa categoria podemos notar, que quando as características do professor e da sua didática estão atribuídas ao sucesso do aluno, essa não aparece com grande frequência, porém, quando ela está atribuída ao fracasso do aluno, essa é a segunda categoria com maior frequência dentro da questão “não gostar da matéria”. Com isso podemos ver que muitos alunos atribuem o seu fracasso não a si próprios, e sim a fatores externos, como o professor e a sua didática.

Temos aqui outra categoria em que as questões foram divididas: **as características pessoais**, e algumas falas que a exemplificam, *“Por que tenho facilidade com a mesma”*; *“Porque é o que sei fazer melhor e me dá mais satisfação em fazer”*. Essas são falas que trazem aspectos positivos do aluno em relação à matéria. Agora traremos alguns exemplos em que aparecem características pessoais dos alunos, que influenciam negativamente no desempenho da matéria. *“Porque não de me dou muito bem com exatas”*; *“Não presto muita atenção”*. A categoria “características pessoais” é o segundo fator que menos aparece tanto dentro da questão “gostar da matéria”, quanto da questão “não gostar da matéria”, isso nos mostra que os alunos costumam atribuir seu sucesso e fracasso a vários fatores externos e na maioria dos casos não se sentem responsáveis por seu próprio desempenho, seja ele bom ou ruim.

A última categoria em que dividimos as duas questões foi: **outras respostas**, e temos aqui alguns exemplos citados na questão “gostar da matéria”, *“Já disse não gosto”*; *“A não sei, só sei que eu gosto”*. E também outros exemplos que permeiam a questão “não gostar da matéria”, *“Inúteis”*; *“Sei lá”*.

Através dos resultados podemos observar que gostar da matéria está mais relacionado a fatores pessoais (21,% dos entrevistados ofereceu respostas como “porque eu acho ela fácil”) enquanto não gostar pode estar mais relacionado à fatores externos como características da própria matéria (27,5 % dos jovens ofereceram respostas tais como “porque exige muito raciocínio” ou “porque tem muitos assuntos políticos e demográficos”). Esses dados estão condizentes com a literatura acerca da atribuição da causalidade que constata que fatores relacionados ao sucesso escolar estão mais vinculados à esfera pessoal, enquanto fatores relacionados ao fracasso nem sempre tendem a ser visto como pertencentes a essa esfera (MARTINI & BORUCHOVITH, 2002).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FERREIRA, M. C. ; ASSMAR, E.M.; OMAR, A. G.; DELGADO, H. U.; GONZÁLEZ, A. T.; SILVA, J. M. B.; SOUZA, M.A & CISNE, M. C. F. **Atribuição de causalidade ao sucesso e fracasso escolar: um estudo transcultural Brasil- México- Argentina.** Psicologia: Reflexão e Crítica. V.15 N3, pp.4-22, Porto Alegre, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre, RS : Artmed / Ed. da UFMG , 1999

PATTO, M.H. S. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MARTINI, M. L.; BORUCHOVITH, E. **Teoria da Atribuição da Causalidade: contribuições para a formação e atuação de educadores**. Campinas: Atomo Alínea, 2002.

TAPIA, Jesús Alonso; & MONTERO, Ignácio. Orientação motivacional e estratégias motivadoras na aprendizagem escolar . (pp-177-192).EM: C. Coll; A. Marchesi; J. Palácios (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação - 2: psicologia da educação escolar**, Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

¹ Bolsista Iniciação Científica do Curso de Psicologia - UNIFRA - tieli_psico@yahoo.com.br

² Aluna Voluntária do Curso de Psicologia - UNIFRA - dunicava@yahoo.com.br

³ Professoras Orientadoras - UNIFRA - cris@unifra.br e vivi.ac@terra.com.br